

MARIA MONTESSORI (1870-1952): UMA VIDA DEDICADA À INOVAÇÃO DA EDUCAÇÃO

MARIA MONTESSORI (1870-1952): A LIFE DEDICATED TO EDUCACIONAL INNOVATION

Rogério Duarte Fernandes dos Passos¹

RESUMO

O presente artigo revisita parte da vida e obra da educadora e filósofa italiana Maria Tecla Artemisia Montessori (1870-1952), uma das primeiras mulheres a concluírem o curso de medicina na Itália. Contornando e superando os preconceitos que perduravam acerca do pleno exercício da medicina por uma mulher em sua época, Maria Montessori incursionou com inovação e sensibilidade pela teoria e práxis pedagógica. Inicialmente, atendendo crianças portadoras de necessidades especiais e, em seguida, as consideradas em padrões de normalidade, alcançou sucesso em uma prática de ensino e alfabetização com reconhecimento global. Dessa forma, o texto conclui que pela repercussão social e humanitária de seu método e trabalho, Montessori inscreveu seu nome em definitivo na galeria dos grandes educadores e teóricos da educação.

ABSTRACT

This article revisits part of the life and work of the Italian educator and philosopher Maria Tecla Artemisia Montessori (1870-1952), one of the first women to complete a medical course in Italy. Bypassing and overcoming the prejudices that persisted about the full exercise of medicine by a woman in her time, Maria Montessori ventured with innovation and sensitivity into pedagogical theory and praxis. Initially, serving children with special needs and then those considered in normality patterns, achieving success in a teaching and literacy practice with global recognition. In this way, the text concludes that, due to the social and humanitarian

¹ Mestre em Direito Internacional pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente em escolas técnicas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), no Estado de São Paulo. E-mail: rdfdospassos@gmail.com.

scope of his method and work, Montessori permanently inscribed his name in the gallery of the great educators and theorists of education.

Palavras-chave: Maria Montessori. Método montessoriano. Teoria e prática pedagógica.

Abstract: *Maria Montessori. Montessori Method. Pedagogical theory and practice.*

1. INTRODUÇÃO

1.1. Sobre Maria Montessori

Nascida em Chiaravalle, na Província de Ancona, Itália, em 31 de Agosto de 1870, Maria Tecla Artemisia Montessori notabilizou-se como médica, filósofa, pedagoga e educadora que desenvolveu método de relevo para a instrução e alfabetização, trazendo o seu pensamento em livros, artigos, projetos, conferências e palestras.

Buscando conciliar equilíbrio e liberdade na atividade educativa, seu método alcançou notoriedade global. O caráter de vanguarda de seu trabalho pode ser aquilatado em destemor pelo seu ingresso na Universidade de Roma La Sapienza (*Università degli Studi di Roma La Sapienza*), onde concluindo em 1896 o curso de medicina, primeiramente colocou-se entre as primeiras mulheres a formar-se médica na história da Itália e um dos grandes nomes da teorização pedagógica de todos os tempos.

O texto, outrossim, justifica-se na assertiva do hodierno e pertinaz resgate de seu trabalho como fundamento de uma aprendizagem centrada no aluno, sem desconsideração de sua autonomia, e que promova ambiente de sensibilidade e cooperação nos espaços escolares, foco de disputas e tensões entre teorizações e projetos político-pedagógicos diversos.

Para tanto, privilegiaremos na construção do texto abordagens dialéticas, condizentes com a obra da educadora Maria Montessori, ofertando destaque no trabalho e na correspectiva evolução de elementos de atemporalidade e historicidade envolvidos (SÁNCHEZ GAMBOA, 2007, p. 114).

Neste tópico, não se olvide que a pesquisa em educação, embora de substanciação recente em termos de abordagem sistemática no interior das ciências e, mesmo, na própria filosofia, ganha fôlego em trabalhos de revisita a práticas, visões e experiências, que devidamente cotejadas no

tempo presente, vislumbram novos desenvolvimentos, estratégias e intervenções dos educadores nos diferentes espaços escolares.

2. A TRAJETÓRIA DE MARIA MONTESSORI

Vinda de uma família com significativa bagagem cultural e demonstrando grande interesse pelo conhecimento desde jovem, Maria Montessori notabilizou-se em uma carreira até então predominantemente masculina – a medicina –, superando as expectativas sociais e familiares que reservavam às mulheres o papel de professoras escolares ou cuidadoras do lar.

Na trajetória dessa educadora e teórica da educação, anote-se que, embora formada médica com especialidade na área de psiquiatria, os preconceitos da época não lhe permitiram o exercício da profissão, sobretudo, pelo receio de uma mulher ter que examinar o corpo de um homem. Diante disso, criando alternativas para si mesma e não se dando por vencida, aliando a observação, intuição, esforço e percepção como caminhos para desvelar a sua teoria pedagógica, aplicou seus conhecimentos na clínica da própria universidade em que se formou, atendendo crianças com necessidades especiais – tidas como incuráveis –, e, em seguida, as ditas crianças comuns e outras em posição de fragilidade social, não apenas em âmbito de pobreza, mas igualmente em situação de internas de reformatórios e hospícios.

Como descreve Irene Hernández Velasco (2020),

Montessori tinha 28 anos quando, em 1898, começou a visitar um hospício em Roma e contemplou, horrorizada, como os pequenos internados naquela instituição eram tratados de forma absolutamente desumana, praticamente como animais. Alguns romanos iam ao local para atirar comida para as crianças, como faziam com animais do zoológico (VELASCO, 2020).

A autora lembra que após visitar bairros pobres de Roma – dentre eles o de San Lorenzo, em 1907 –, como médica voluntária, Maria Montessori trouxe a perspectiva de, no íterim educativo, as crianças não serem perseguidas, forçadas, dirigidas, nem mesmo, recompensadas, punidas ou corrigidas, prevalecendo a confiança e o respeito em um espaço em que trabalham sem interferências e no próprio ritmo (VELASCO, 2020).

Embora fosse considerada uma mulher enérgica, Maria Montessori entendia a educação como um ato de amor e respeito, sendo a criança a própria fonte para alcançá-los, no interior de um

ser que traz grandes capacidades cognitivas, criativas e de desenvolvimento (VELASCO, 2020).

O método montessoriano, em um paradigma de liberdade, permitia a oportunidade de autoinstrução da criança, no que cabia ao educador organizar um espaço para seus alunos envidarem atividades cognitivas, com movimentos livres e manipulação de objetos em favor da capacidade motora e dos sentidos, sem que houvesse interferência. Esse trabalho conectava as mãos do educando com o mundo, permitindo a sua identificação e descoberta, de forma a acionar os sentidos como um recurso educativo desse processo de autoeducação.

Por meio da fundação de uma primeira *Casa dei Bambini* (Casa das Crianças) – o nome pelo qual suas escolas ficaram conhecidas –, Maria Montessori as concebeu como espaços para alocar suas ideias e práticas, de forma que as unidades escolares deveriam proporcionar ocasiões para o aluno reconhecer-se no mundo, colocando relevo na sua abordagem individual em favor de sua própria autonomia. Nessa tarefa, a educadora trazia numerosos objetos de apoio voltados para o ato de aprendizagem contemplando abordagens com repercussão na matemática, na visualização e concretização da noção de espaço, volume e formas geométricas, e, mesmo, no desenvolvimento da linguagem.

Como já dito, ao mesmo tempo que, sem interferências externas – ou com interferências mínimas – se promovia a perspectiva de reconhecimento exterior do mundo pela criança, as atividades continuavam se centrando no aluno, privilegiando a sua autonomia e liberdade rumo à autoinstrução, em um método que, *a priori*, não cotejava a abordagem das crianças com necessidades especiais em um viés clínico, mas sim na direção pedagógica do professor.

Tendo um filho sem casar-se – o que, pelo potencial escândalo e rudeza das convenções sociais da época, lhe causou afastamento temporário da criança –, e já cuidando de mais de uma *Casa dei Bambini*, a educadora italiana idealizou salas de aula com carteiras alocadas sem a ordem tradicional da fila indiana – que prevalece até os dias atuais –, experimentando o sucesso e o reconhecimento que no ano de 1922 lhe galgaram a posição de inspetora-geral das escolas de seu país (FERRARI, 2008, p. 66).

No bojo do movimento “Educação Nova” – no qual educadores europeus e norte-americanos, desde o Século XIX, buscavam melhor compreender e atender à criança, não raro, condenada à passividade na sala de aula –, Montessori se destacava pelo estímulo, pela liberdade oferecida

ao educando, destaque-se novamente, sob nenhuma interferência ou interferência mínima do professor, capaz de ofertar a oportunidade de autoeducação, associada ao estímulo para seu desenvolvimento motor e cognitivo com a manipulação de objetos e apropriação dos recursos dos espaços escolares pela via sensorial.

Carreando diferentes elementos em seu edifício teórico – e em sua própria teoria do conhecimento –, Maria Montessori, portanto, insere-se na crença de uma Pedagogia Científica, em exemplo do influente educador belga Ovide Decroly (1817-1932) – um dos símbolos da ciência educativa do período –, buscando as bases de uma autoeducação orientada por materiais de cunho pedagógico. Como assinala Ferrari (2008, p. 66), no interior de um método biológico-científico, cooperativo, de descoberta do mundo, apto a deslocar o enfoque do conteúdo rumo à forma do pensamento, e ambientado na efervescência intelectual de uma concepção positiva da transição do Século XIX para o Século XX (FERRARI, 2008, p. 65-67), ela *defendia que o caminho do intelecto passa pelas mãos, porque é por meio d o movimento e do toque que as crianças exploram e decodificam o mundo ao seu redor* (FERRARI, 2008, p. 66).

No mesmo sentido, o autor acrescenta que

O método Montessori parte do concreto rumo ao abstrato. Baseia-se na observação de que meninos e meninas aprendem melhor pela experiência direta de procura e descoberta. Para tornar esse processo o mais rico possível, a educadora italiana desenvolveu os materiais didáticos que constituem um dos aspectos mais conhecidos de seu trabalho. São objetos simples, mas muito atraentes, e projetados para provocar o raciocínio. Há materiais pensados para auxiliar todo tipo de aprendizado, do sistema decimal à estrutura da linguagem (FERRARI, 2008, p. 66).

Renovando o interesse na pesquisa sobre alunos com dificuldades de desenvolvimento, Maria Montessori teve acesso a trabalhos dos médicos franceses Jean Itard (1774-1838) e Édouard Séguin (1812-1880) – que buscavam o progresso dessas crianças em um período marcado pela crença da deficiência associada à dependência –, e, solidificando mais seu método e práxis, publicou artigos, compartilhou experiências e proferiu conferências, como no I Congresso Montessori Internacional, realizado em 1929 na Dinamarca, que fundando a Associação Montessori Internacional – entidade que visava a supervisão de escolas montessorianas, e, mesmo, a formação de professores –, teve entre os seus patrocinadores nomes como os de

Sigmund Freud (1856-1939), Jean Piaget (1896-1980) e Rabindranath Tagore (1861-1941), escritor indiano agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura (FERNANDES, 2020).

Em seu caminho intelectual, sem desprezar a dimensão espiritual envolvida em seu método, Montessori sonhava em implantá-lo por toda a Itália, embora a ascensão do regime fascista no país lhe contrariasse os ideais pedagógicos e lhe trouxesse a decisão de deixar a terra natal em 1934, ainda prosseguisse seu trabalho em locais como a Espanha, o Ceilão (atual Sri Lanka), Índia e Países Baixos, onde, após ser indicada três vezes ao Prêmio Nobel da Paz (VELASCO, 2020 *et* FERRARI, 2008, p. 66) –, veio a falecer aos oitenta e um anos de idade no município de Noordwijk aan Zee, na Província de Holanda do Sul, em 6 de Maio de 1952.

3. SOBRE O MÉTODO MONTESSORIANO

Como destaca o laureado educador e filósofo mexicano Francisco Larroyo (1912-1981), trazendo como principais obras “O Segredo da Infância”, “Mente Absorvente”, “Formação do Homem”, “Em Família”, “Pedagogia Científica”, “A Criança, Educação e a Paz”, “Para Educar o Potencial Humano”, e “Da Infância à Adolescência”, o método de Maria Montessori surge em um contexto que a individualização do ensino não prescinde da socialização educativa, conciliando particularidades individuais aos valores sociais (LARROYO, 1970, p. 794). Em processo de autoeducação, porém, não se isola dos professores e colegas, embora, como já dito, seja sujeito insubstituível da própria instrução, de forma que mestre e livros são ferramentas para esse objetivo, no que acrescenta que

A êste fenômeno da livre e ativa concentração se tem chamado fenômeno montessoriano, em virtude de haver sido a eminente doutôra a primeira que, de maneira metódica, empreendeu a tarefa de apresentar às crianças um círculo de experiências e instrumentos materiais que se apóia em dito fenômeno, no processo de educação dos pequeninos.

O método montessoriano serve-se, com efeito, de um abundante material didático (cubos, prismas, ajustamento de sólidos, listões, bastidores para enlaçar, caixas, cartões etc.), destinado a cultivar preferentemente a atividade dos sentidos. Êsse material tem o caráter peculiar de ser *autocorretor*. “A professôra, diz a doutôra no *Método da Pedagogia Científica*, tem de ver-se substituída pelo material didático que corrige por si mesmo os erros e permite que a criança se eduque a si mesma” (LARROYO, 1970, p. 794-795). [itálico no original e grafia da Língua Portuguesa à época]

Diante disso, Larroyo completa seu diagnóstico do método montessoriano de autoeducação no “gênero de vida do lar limpo”, aduzindo nessa perspectiva a escola se inserir na própria casa, espaço coletivo e com desenvolvimento à vista de seus pais, alçando a vida inteira como mestra, pois será ali que as crianças realizam sua existência pessoal, sua higiene, local em que arrumam os móveis e fazem a limpeza (LARROYO, 1970, p. 795).

Ademais, como destaca Velasco (2020), considerado revolucionário, o método de Maria Montessori, inicialmente destinado a crianças consideradas anormais, desamparadas e pobres, alcançou as ditas normais e de melhor condição social, de forma que atualmente temos cerca de sessenta e cinco mil escolas montessorianas em todo o mundo, oferecendo atenção individualizada, superior à média das instituições comuns. Diferentemente do que potencialmente desejava a educadora italiana, a educação com seu método acabou consolidando-se em escolas de maior nível econômico, como nos anota Brenda Otero (2016), tendo entre seus alunos celebridades como William e Harry, príncipes britânicos, filhos de Diana de Gales (1961-1997) – que antes de se casar, também trabalhou em uma creche Montessori em Londres – e o jovem George de Cambridge, o mais novo membro da realiza a se educar em instituição congênere, localizada no condado de Norfolk, na Inglaterra (OTERO, 2016), além de multimilionários globais como os fundadores da Amazon – Jeff Bezos –, do Google – Sergey Brin e Larry Page –, e da enciclopédia virtual Wikipedia – Jimmy Wales –, que foram alunos de escolas montessorianas, em regra, localizadas em bairros mais abastados das cidades e com altas mensalidades (VELASCO, 2020).

Citando falas de Maria Cristina De Stefano, biógrafa italiana de Maria Montessori, Velasco (2020), acerca do caráter inovador da pedagogia montessoriana, nos diz que “*Sigmund Freud [1856-1939] descobriu o inconsciente; Albert Einstein [1879-1955], a relatividade; e Maria Montessori, a criança*”, e ainda, que “*seu pensamento inaugurou uma nova era e muitas das coisas que consideramos naturais hoje, como respeito pelas crianças e escola democrática, são fruto das suas ideias*” (VELASCO, 2020) [inserções nossas em colchetes].

Este é contexto que, ainda com apoio na citada biógrafa de Maria Montessori, segundo Adrián Cordellat (2020), coloca a filósofa e educadora na condição de uma das mulheres de maior impacto no Século XX, ora tida como “louca”, “contraditória”, “mulher de negócios”, ora como “grande alma” e “muito mais que isso” (CORDELLAT, 2020).

No mesmo sentido inovador, o desenvolvimento do método montessoriano, iniciado a partir da educação infantil, alcançou o *status* de teoria e práxis filosófica da educação, sendo até mesmo aplicado no cotidiano das já citadas empresas Google e Amazon (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022). Entrementes, adicionando novos elementos à compreensão de sua práxis, tomando por base a experiência de uma escola montessoriana, os axiomas estruturais do método podem ser elencados, por primeiro, no destaque à vida prática, proporcionando calma, organização, sensibilidade e orientação pela realidade, desenvolvendo consciência à criança e o domínio de si mesma, propiciando o relacionamento consigo, com o outro e alcançando o meio adequado na execução de cada ação (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022). Assim, busca-se refinar a coordenação motora, a independência, as habilidades manuais e o preparo para o grafismo enquanto forma de representação dos sentimentos (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022).

No bojo de um ambiente organizado e com autoeducação, a partir da observação, Maria Montessori conclui que

(...) todos possuem uma habilidade inata e natural para aprender. Por meio do contato com indivíduos de seu meio, aprende-se sozinho a andar, falar, comer, interagir. Se inserido em um ambiente saudável e rico, o aluno se desenvolverá por si mesmo e coopera para o desenvolvimento de todos. O enriquecimento do ambiente com pessoas e materiais é a melhor maneira de incentivar a autoeducação. É prover os elementos necessários para que o aluno exerça suas capacidades naturais de descobrir e se desenvolver (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022).

Por segundo, a aula assume contornos de “projeto científico”, em que, tendo apenas inicialmente a supervisão vertical e participativa da professora ou do professor, concretiza-se um trabalho com pesquisa, discussão e raciocínio, com simultânea valorização da autonomia dos alunos e do poder coletivo envolvido, em processo de horizontalização (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022).

Uma educação cósmica ou “holística” se alicerça, outrossim, em conteúdos que se enlaçam com um todo maior, sem a compartimentalização que os reduz ao nível da abstração, em divórcio da funcionalidade ou praticidade, no que o educador aponta caminhos para conhecimento do mundo, com a assimilação da educação recebida e em interligação com ele (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022).

A partir daí, segue-se a busca por um adulto preparado – em oposição a comportamentos tradicionais nocivos de difícil desconstrução –, em que as crianças devem alcançar – no interior da maturidade alcançada –, tudo o que puderem realizar sozinhas, repita-se, sempre no paradigma do respeito e da não interferência, ainda que a professora ou professor esteja disponível para discussões, orientações, e mesmo, para algumas respostas, sem que se comprometa o incentivo e a capacidade de investigação (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022).

Por último, somando-se a educadora ou educador preparado ao ambiente adequado, as crianças atingem no espectro de liberdade e responsabilidade as condições e capacidades de concentração e de respeito à própria concentração alheia, dirigindo-se ao pleno desenvolvimento em âmbito equilibrado e apto ao exercício da autoestima, de forma a pôr em ação as suas potencialidades e autocontrole para lidar com pessoas e situações, somando-se nesse ínterim a empatia, a serenidade e autonomia em um quadro que poderá, enfim, ser feliz (COLÉGIO DOM BARRETO, 2022).

Corolário lógico neste ponto, acerca dessa funcionalidade educativa direcionada e adaptada à criança, na própria prática do colégio aqui citado, se expressa em uma “casa mirim”, construída em tamanho condizente com de alunas e alunos das séries iniciais, onde exercitando diferentes habilidades, reproduzem tarefas do dia a dia doméstico. Não obstante, em visita a essa unidade escolar em exposição de alunos no dia 5 de Novembro de 2022, no bojo de prática montessoriana, observamos trabalhos manuais relacionados ao artesanato, reproduzindo em interpretação livre personagens do folclore e telas de pinturas modernistas brasileiras – como o Abaporu, de 1928, óleo sobre tela da pintora paulista Tarsila do Amaral (1886-1973) –, além de brinquedos, inspirados em bonecas russas e textos de compreensão de obras literárias infantis e de expressão escrita de sentimentos positivos em favor dos amigos da escola. Corrente, também, o diálogo e tentativa de dimensionamento e aquilamento de pais e professores acerca dos prejuízos causados à alfabetização de toda uma geração que, por conta da pandemia da Covid-19 – assim declarada em 11 de Março de 2020 por Tedros Adhanom, diretor da Organização Mundial de Saúde – que causou isolamento social e ensino remoto por quais dois anos, com consequências ainda sentidas, sobretudo, no âmbito psicológico e comportamental –, no que a alternativa encontrada pela equipe pedagógica do colégio foi o uso da plataforma Microsoft Teams da rede mundial de computadores (Internet) para o estabelecimento do ensino e contato síncrono e assíncrono entre estudantes e professores.

4. NOTAS AO MÉTODO MONTESSORIANO NA ALFABETIZAÇÃO

Alfabetizar é inserir a criança em um processo biopsicossocial em que ela adquire habilidades e competências na escrita e leitura em consonância à sociedade, à língua, à cultura e, igualmente, integrando o íterim educativo a si mesma, visto que o seu pleno alcance lhe permite relacionamento com o mundo e a capacidade de contínua interação e aprendizado em face dele.

Pode se dizer que a alfabetização é a abertura maior da linguagem, da consciência fonológica e gestual, da decodificação de símbolos, da significação exterior e da própria comunicação da criança, e a sua realização em idade tenra – a idade certa – e, por diferentes métodos, se coloca como ponto fundamental no processo de construção maior e plena do ser humano, com importantes impactos no âmbito cognitivo e físico, especialmente pelo desenvolvimento da coordenação motora fina, em ações de pinçamento, recortes, escrita e manipulação adequada de pequenos objetos.

No bojo da alfabetização no método Montessori, Ana Paula Jansons Almeida (2016, p. 10) descreve uma possibilidade de disponibilização de caixas com gavetas, tendo cada uma delas uma letra do alfabeto, permitindo à criança identificar objetos e alocá-los em cada uma das que entender que lhes são correspondentes, permitindo a observação, a atribuição de significados, a sua finalidade e os respectivos nomes (ALMEIDA, 2016, p. 9).

Poderá então a criança associar o som da pronúncia da palavra à letra inicial em que começa a grafia do objeto (ALMEIDA, 2016, p. 9).

Nesse processo trabalha-se o cérebro do estudante que visualiza o que tem em mãos, sentindo a natureza da composição do objeto, mobilizando a memória por eventualmente já tê-lo visto ou o utilizado, e descobrindo a letra inicial, conseguindo buscar outras lembranças relacionadas a ele, de forma que quanto mais se fizer esse exercício, mais se outorga sentido à prática montessoriana de alfabetização (ALMEIDA, 2016, p. 10).

Nas palavras de Almeida (2016, p. 10) sobre o método da educadora italiana no alfabetizar, indo além da leitura e escrita enquanto fundamentos, se prepara o aluno com jogos no íterim de um processo complexo,

(...) pois, entende-se que antes de ler e escrever, o aluno precisa de condições necessárias, motoras e cognitivas para exercer essas duas funções como, por exemplo, na construção de blocos, trabalhar sequência, classificação, organização de figuras, quebra-cabeça e dominó auxiliares na concentração. Por isso, o método Montessori pode contribuir de forma extraordinária para uma alfabetização eficaz (...) (ALMEIDA, 2016, p. 10).

Contudo, nos adverte Catherine L'Ecuyer (2019) que o método da educadora italiana não corresponde ao imaginário popular que se traduz na errônea visão que se trata de “aprender brincando” (L'ECUYER, 2019). Como a autora explica:

Em 1911, um ano antes de publicar o primeiro livro sobre seu método, Montessori observou que os estudantes da *Casa dei Bambini* que haviam aprendido a reconhecer as letras perderam completamente o interesse pelos brinquedos. Percebeu que os brinquedos eram um refúgio na ausência de um desafio maior para elas. Foi quando finalmente retirou os brinquedos de suas salas de aula. Sobre a questão da finalidade do brinquedo, Montessori disse que as crianças aprendem com eles quando os quebram, e que não fazem isso com raiva, mas por curiosidade, para ver "o que está dentro" (L'ECUYER, 2019).

Nesse sentido nos aduz L'Ecuyer (2019) que, sendo complexa, a pedagogia de Maria Montessori exige esforço de compreensão e está expressa em obras redigidas em diferentes idiomas, com senso de humor, ironias e metáforas, muitas vezes sem fechar argumentos em torno de ideias e em textos que tentam oferecer o conjunto de suas proposições de uma única vez, fazendo da leitura uma incursão intrincada, e na divulgação, havendo traduções feitas de outras, em uma atmosfera que alguns até veem os argumentos com ares de conhecimento “místico” (L'ECUYER, 2019).

Porém, sendo expoente em seu tempo, como dispõe Hermann Röhrs (2010, p. 11-12), o projeto educativo de Maria Montessori almejou alcance universal, e sua influência contemplou o espectro da criança à família, abarcando a “fase crítica” de evolução do indivíduo para a busca de seu ulterior desenvolvimento, de sorte que nenhum outro ícone da Educação Nova aplicou suas ideias em tão grande escala, repercutindo o entusiasmo que galgou a tradução de seus textos para diferentes línguas (RÖHRS, 2010, p. 11-12).

5. CRÍTICAS AO MÉTODO MONTESSORIANO

Especialmente ao que tange à descrição da práxis da educadora italiana e sua sistematização em favor de confirmação objetiva, necessárias para culminar epistemologicamente em um quadro teórico, Röhrs opina que,

Montessori concebeu um método que qualificaríamos hoje de hermenêutico-empírico. No entanto, ela não conseguiu colocar uma única dessas ideias integralmente em prática em seu próprio trabalho. Suas experiências careciam de um quadro teórico sólido e elas não eram conduzidas nem avaliadas de forma a permitir uma confirmação objetiva. Suas descrições não eram isentas de subjetividade e suas conclusões eram frequentemente parciais ou mesmo expressas de forma dogmática (RÖRS, 2010, p. 24).

Embora com resultados significativos, a ponto de Velasco (2020) citar que Maria Cristina De Stefano, biógrafa de Maria Montessori, na obra *Il Bambino è il Maestro: Vita di Maria Montessori*, descrever os êxitos do método para além dos estudantes com dificuldades, sendo aplicado até mesmo às crianças em meio a guerras, as críticas à pedagogia montessoriana alocam-se no foco individualista de sua abordagem, à quantidade excessiva de materiais e ao *modus operandi* construído no interior da própria escola, dificultando às alunas e alunos a adaptação a outros contextos, a diferentes sistemas de ensino, e, mesmo, ao “mundo real” (FERRARI, 2008, p. 67).

Por conseguinte, como já citado supra, as escolas montessorianas – em exemplo de outras, como as de educação metodologicamente inspirada na congregação salesiana fundada pelo padre italiano Dom Bosco (1815-1888) –, realizam-se em unidades escolares confessionais e privadas, concretizando um sistema educacional diferenciado que se perfaz em instituições particulares e, em regra, não gratuitas, embora haja a ressalva na prática brasileira da concessão de significativos programas de bolsas de estudos.

Em síntese neste aspecto, o método montessoriano, em escolas particulares e elitistas, criaria uma “bolha”, que não permitiria à criança enfrentar a realidade e os desafios da maturidade.

Ao lado da censura ao caráter elitista que se impôs ao método – notabilizado por alunos ilustres como o escritor Gabriel García Márquez (1927-2014) e a ex-primeira dama norte-americana Jacqueline Kennedy Onassis (1929-1994) –, Otero (2016) lembra que na realidade do Reino Unido, por exemplo, as vagas para as escolas montessorianas são reduzidas, gerando

concorrência entre os pais, e fechando por longos períodos de férias, obriga-os a tirar dias livres para o cuidado com as crianças ou a suportar gastos extras pela assistência de babás – e em um contexto que somado a não usual aparência de escolas em que as crianças trabalham de forma silenciosa –, não reflete o conjunto da sociedade, utilizando-se os brinquedos em uma ludicidade sem imaginação, o que, segundo a autora, a própria Maria Montessori rebatia ao afirmar “que as crianças preferem o real à fantasia” (OTERO, 2016).

Críticas, ainda, sobrevêm, pelo fato de o método montessoriano não contemplar habilidades que se desenvolveram com as tecnologias de informação e comunicação, notadamente as oriundas de computadores e ambientes virtuais, o que não deixa de ser uma oposição deveras localizada e específica, visto que no período em que viveu e trabalhou Maria Montessori, tais invenções ainda não existiam.

Neste tópico, registrando outra crítica e, ao mesmo tempo uma contraposição a ela – no que, inclusive, se condena o sincretismo de métodos pedagógicos –, temos a contribuição de L’Ecuyer (2019), asseverando que

Montessori, às vezes tem um tom autoritário, até parece dogmático; pede a ortodoxia e não admite diálogo. Uma análise superficial nos leva a perguntar: por que não dá aos seus professores a mesma margem de espontaneidade que a seus alunos? Seu estilo muitas vezes recebe críticas que chegam ao âmbito pessoal, o que desvia da análise honesta e rigorosa do mérito intrínseco de sua proposta. É preciso entender que o papel da ortodoxia e da disciplina em Montessori não é o imobilismo ou a fé cega em um bloco teórico monolítico, mas um pré-requisito para o movimento com propósito, criatividade e espontaneidade ordenada com uma finalidade. Em um contexto educacional que propõe a criatividade, a imaginação e a aprendizagem, desenraizados do conteúdo e do esforço para adquiri-los, Montessori é hoje mais relevante do que nunca (L’ECUYER, 2019).

Nesse desenvolvimento, L’Ecuyer (2019) dispõe que tentando fundir métodos incompatíveis entre si – em verdadeiro ecletismo educacional –, a prática deveras inadequada conduz à incompreensão dos motivos norteadores da práxis montessoriana e seu pano de fundo, o que pode explicar que supostos especialistas – e, mesmo, escolas que dizem adotar o método de Maria Montessori –, não melhor conhecendo a obra da educadora italiana, trazam aplicações

com estimulação precoce, utilização da tecnologia na primeira infância, libertinagem e exclusão da dimensão espiritual.

Por fim, afirma-se que houve críticas até mesmo do movimento Escola Nova que supôs o viés montessoriano como “mecânico”, “formal” e “restritivo” (L’Ecuyer, 2019), no que, também, em resposta, é preciso considerar que Maria Montessori, estabeleceu relações eivadas (e conjugadas) de liberdade e responsabilidade na instrumentalização de seus princípios com o material utilizado em sua prática, em uma concepção que alerta aos desavisados uma rejeição, nas palavras de L’Ecuyer, da “imaginação produtiva tão característica do Romantismo” (L’ECUYER, 2019).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o aforismo máximo de Maria Montessori, *“a tarefa do professor é preparar motivações para atividades culturais, em um ambiente previamente organizado, e depois se abster de interferir”*, é possível crer que a educadora supusesse um método capaz de conciliar liberdade e responsabilidade, mas sem sacrificar a autonomia do educando.

Como nos aquilata Maria Cristina De Stefano, biógrafa de Maria Montessori, em depoimento dado a Cordellat (2020), o sonho da educadora era transformar o ser humano e o mundo, e, se não alcançou êxito no ínterim de sua vida, pode nos inspirar para a tarefa (CORDELLAT, 2020). Outrossim, a pesquisadora afirma que Montessori, pondo-se a frente de seu tempo, viu a criança em sua verdade, enxergando nela um ser “não inferior”, potencialmente voltado para o futuro, com alicerce na observação científica, embora sem descrer no “milagre”, no “invisível”, no “poder da beleza”, e, mesmo, em princípios que seriam posteriormente corroborados pela neurociência (CORDELLAT, 2020). Nas palavras de De Stefano,

Estar à frente do tempo em que se vive é sempre uma fonte de problemas. Em sua época, muitos consideravam Maria Montessori uma maluca. No entanto, quase tudo o que dizia (sobre o direito a um parto respeitado, sobre a vida pré-natal, sobre o funcionamento do cérebro infantil, sobre a polarização da atenção) foi confirmado muitos anos depois pela ciência (CORDELLAT, 2020).

E ainda, segundo De Stefano,

Maria Montessori se impôs em um período muito difícil para a emancipação da mulher. Também nisso ela era muito moderna. Queria deixar uma marca no mundo, ser uma pessoa que trabalhava. Chegou até a abandonar o filho por muitos anos para se tornar médica. Em todo caso, não acho que o sofrimento ajude. Acho que, se tivesse vivido hoje, Maria Montessori teria feito coisas ainda mais extraordinárias (CORDELLAT, 2020).

Acresça-se, ainda, que segundo Maria Cristina De Stefano, mesmo tendo seu filho Mario Montesano Montessori (1898-1982), em desejo concordante ao de sua mãe – que objetivava centralizar e controlar o processo de pureza, desenvolvimento e divulgação de seu método –, tentado na década de 1960 proibir a proliferação descontrolada do uso do substantivo “Montessori”, juízes dos Estados Unidos da América decidiram que essa pedagogia era uma patrimônio da humanidade, de forma a viabilizar que qualquer escola, portando uma caixa de atividades, pudesse dizer aplicá-la (CORDELLAT, 2020).

De qualquer forma, a própria Maria Montessori, dissertando acerca do desenvolvimento do pensamento no âmbito educacional e em defesa da infância – e sem desprezar a contribuição que religião e filosofia oferecem –, sintetizando os argumentos que aqui trouxemos acerca de seu trabalho, asseverou que

Hoje, enquanto o mundo está dividido, e pensa-se em formular planos para uma futura reconstrução, a educação é considerada, mundialmente, um dos meios mais eficazes para esta reconstrução de vez que não restam dúvidas de que, sob o ponto de vista psíquico, o gênero humano está abaixo do nível que a civilização propala ter atingido. Também me parece que a humanidade se encontra distante do ponto de preparação necessário para aquela evolução que ela própria aspira com tanto ardor: a construção de uma sociedade pacífica e harmônica e a eliminação das guerras. Os homens ainda não se acham em condições de controlar e dirigir os acontecimentos dos quais, eles próprios, se tornam, quase sempre, as vítimas.

Embora a educação seja reconhecida como um dos meios aptos a elevar a humanidade, ela continua sendo apenas considerada como educação da mente calcada sobre antigos conceitos, sem que se pense em dela extrair uma força renovadora e construtiva (MONTESSORI, 1987, p. 10).

No aspecto epistemológico e gnosiológico de seu método, com coragem, simplicidade e humildade, Maria Montessori esclareceu em publicação de 1912 que não era intenção sua apresentar um tratado de “Pedagogia Científica”, de forma que suas “notas incompletas” objetivavam antes um “desenho moderno” que demonstrasse resultados do experimento que lhe abriu caminho para pôr em prática os novos princípios da ciência que naqueles últimos anos tendiam a revolucionar o trabalho da educação (MONTESSORI, 1912, p. 2).

Lembrava a educadora italiana que muito se tinha falado na última década em que vivia acerca das tendências da pedagogia – seguindo os passos da medicina –, de ultrapassar o estágio puramente especulativo e basear suas conclusões em resultados positivos de experimentação (MONTESSORI, 1912, p. 2). Ademais, a Psicologia Fisiológica ou experimental que, desde Ernest Heinrich Weber (1795-1878) e Gustav Theodor Fechner (1801-1887), na “Lei de Weber-Fechner” – estudando o estímulo e a intensidade em que é percebido, vale dizer, a relação de causa e efeito –, até Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) – criador do primeiro laboratório de Psicologia Experimental em 1879 na Universidade de Leipzig –, se organizou em uma nova ciência a favor da Pedagogia Filosófica, no que a própria Antropologia Morfológica aplicada ao estudo físico das crianças, da mesma forma, acabou por se tornar um elemento forte no crescimento da “nova pedagogia” (MONTESSORI, 1912, p. 2).

Montessori afirmava, com parcimônia, que apesar de todas essas tendências, a Pedagogia Científica não estava definitivamente construída ou definida, sendo algo por ela enfrentado como crença para alcançar o caminho almejado, tendo a condução da Antropologia Pedagógica e da Psicologia Experimental (MONTESSORI, 1912, p. 2-3).

Ademais, Montessori disse que por muitos anos lutou por uma ideia relativa à instrução e educação do ser humano que se lhe parecia mais útil e justa na mesma medida em que mais pensava nesse ideal, de forma que para estabelecer métodos naturais e racionais, lhe era indispensável uma observação meticulosa, exata e racional do ser humano enquanto indivíduo, e em particular, na infância, momento em que os fundamentos da cultura e da educação se fixam (MONTESSORI, 1912, p. 3).

Para além da antropologia – e alertando para que não se confundisse o estudo experimental com o seu papel no ato educativo –, medir a cabeça e altura não significava estabelecer um sistema pedagógico, mas sim a indicação de um caminho a se seguir para o alcance de tal sistema, de

maneira que se queremos educar o indivíduo, será preciso conhecê-lo de forma definida e direta (MONTESSORI, 1912, p. 3).

Constata-se, portanto, que a par das críticas que quaisquer escritos públicos podem receber, longe de ser “mera experimentadora” da comportamentos em sala de aula, Maria Montessori alicerçou sua pedagogia em uma observação e reflexão de profundidade, sem desconsiderar os avanços do mundo tecno-científico que ainda “deslumbrava” teóricos de diferentes campos do conhecimento naquele Século XX embebido das promessas da modernidade.

Ao largo, então, de críticas e questionamentos, sendo a educação algo que não se faz em um único ato, somando ao processo diferentes ações que contribuem desde a alfabetização até à literacia, é possível identificar significativas possibilidades de êxito no método montessoriano.

Outrossim, ainda que sob um caráter inovador, o método montessoriano, proporcionando autoconhecimento, reflexão e construção da cognição, não representa afastamento das melhores tradições filosóficas e pedagógicas do Ocidente, colimando, por exemplo, com os ensinamentos do filósofo ateniense Sócrates (ca. 470 a.C.-399 a.C.), os quais localizam o verdadeiro saber como algo a ser buscado no dito autoconhecimento, no próprio interior do ser humano e a partir do diálogo (na chamada dialética socrática). No mesmo sentido, podemos supor que a pedagogia montessoriana bebe no realismo de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), objetivando o “conhecer pela causa” – com a razão enquanto elemento ordenador e classificador do mundo, em favor de sua compreensão –, de forma a atribuir à ação e investigação um papel de destaque na formação do intelecto. Ademais, buscando no próprio paradigma da ética aristotélica a construção de boas pessoas, em exemplo do que se faz em relação ao êxito que se obtém nas demais atividades humanas – alcançado, dentre outras ações, pela prática e repetição –, colima-se o ideal montessoriano em sintonia à patrística de Santo Agostinho (354-430), no íterim de uma filosofia de um dos “pais” da Igreja Católica que tentavam conciliar a fé cristã com o racionalismo científico, de forma a enunciar a educação como algo ensinado não somente pelo mestre, mas, sobretudo, obtido em uma orientação deste em favor do despertar interior do educando e a correspectiva conquista vitoriosa da serenidade da alma.

Embora a própria Maria Montessori defendesse a pureza de seu método, sem sincretismos ou ecletismos, em especial em outros níveis de educação para além da infantil, em nossa prática docente de mais de duas décadas, pudemos vê-lo associado à outras estratégias pedagógicas,

como a própria aprendizagem por pares, em que a autoeducação sai da esfera de um único estudante, além das metodologias ativas próprias da aprendizagem centradas no aluno em favor de um ambiente de cooperação com todos os demais que com ele compartilham o espaço escolar.

Trazendo móveis escolares adaptados ao tamanho das crianças e reorganizando o espaço da sala de aula, o trabalho de Maria Montessori ainda reinventa a prática docente ao deslocar a educação de caráter vertical para uma relação horizontalizada e democrática, e com seus cânones de colaboração, permite que a escola bem cumpra a sua missão de construir e formar o ser humano em direção do máximo de seu potencial e em favor do ideal de socialização e de cidadania, que tanto se requerem no momento presente.

Caminhando rumo a um fecho, conclui-se que apesar de existirem críticas relacionadas a não atualização ou compatibilidade do método montessoriano com as novas tecnologias de informação e comunicação – e, aqui, sob o risco de contaminá-lo com sincretismos –, temos que essa é uma demanda que pode ser suprida e atendida amplamente no espaço educacional pela escola e pela família, de maneira que a preocupação que ele nos traz com atividades de coordenação motora ainda são questões de primeira ordem na atividade educativa, e persistindo a atualidade de sua discussão e compreensão, nada impede a sua adoção no momento contemporâneo.

Ipsa facto, pelo sucesso de seu método, convergente com a humanização do ideal educativo alicerçado em uma pauta ampla de direitos humanos, pelo contorno e vitória pessoal de Maria Montessori sobre o preconceito nutrido em face de uma mulher tornar-se médica em seu país, bem como pelo relevante alcance social e humanitário de seu método e trabalho, a pedagoga italiana inscreveu seu nome em definitivo na galeria dos grandes educadores e teóricos da educação em todos os tempos, desafiando a lógica da pesquisa educacional que, historicamente, ofereceu lugar privilegiado ao sexo masculino e relegou às mulheres o papel de professoras e reprodutoras de conhecimentos.

Por todas essas razões, estudar e praticar Maria Montessori permanece atual, no que seus axiomas trazem consigo a humanidade que deve subsistir aos avanços tecnológicos e à mecanização do ser humano.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Paula Jansons (2016). **A história da alfabetização no Brasil: construção do conhecimento a partir de alguns métodos**. Trabalho sob orientação de Andreia Osti. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 39 fl.

COLÉGIO DOM BARRETO (2022). **Nossa filosofia: método montessoriano**. Campinas. Disponível na rede mundial de computadores (Internet) no endereço eletrônico <<https://domba.com.br/nossa-metodologia/>>. Acesso em 23 Out. 2022.

CORDELLAT, Adrián (2020). “*Se colocarmos a criança realmente no centro, como pedia Maria Montessori, tudo muda para sempre*”: A jornalista italiana Cristina De Stefano passou cinco anos investigando a vida desta mulher e sua influência na pedagogia e na educação atual. O resultado é a biografia mais completa da criadora do Método Montessori feita até hoje. **El País**: Madrid/ São Paulo, ed. 7 Out. Disponível na rede mundial de computadores (Internet) no endereço eletrônico <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-07/se-colocarmos-a-crianca-realmente-no-centro-como-pedia-maria-montessori-tudo-muda-para-sempre.html>>. Acesso em 2 Nov. 2022.

FERNANDES, Fernanda (2020). Maria Montessori: feminista, cientista e educadora. **MultiRio**. Rio de Janeiro, ed. 31 Ago. Disponível na rede mundial de computadores (Internet) no endereço eletrônico <<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/16478-maria-montessori-feminista,-cientista-e-educadora>>. Acesso em 31 Out. 2022.

FERRARI, Márcio (2008). Maria Montessori: a médica que valorizou o aluno. *In*: GROSSI, Gabriel Pillar *et al.* **Grandes Pensadores: 41 educadores que fizeram história, da Grécia Antiga aos dias de hoje**. São Paulo: Abril/ Fundação Victor Civita, Jul., 130 p.

LARROYO, Francisco (1970). **História Geral da Pedagogia**. Trad. Luiz Aparecido Caruso. Tomo II, 1000 p.

L’ECUYER, Catherine (2019). *Não, o método Montessori não é “aprender brincando”*. Seria bom que os especialistas nesta pedagogia voltassem aos textos originais da criadora. **El País**: Madrid/ São Paulo, ed. 18 Mar. Disponível na rede mundial de computadores (Internet) no endereço eletrônico

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/18/actualidad/1552896695_886326.html#?rel=mas>.

Acesso em 2 Nov. 2022.

MONTESSORI, Maria (1987). **Mente absorvente**. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Lisboa: Portugália, 1987, 316 p.

_____ (1912). **The Montessori method**: scientific pedagogy as applied to child education in "the Children's Houses" with additions and revisions. Trad. para o inglês de Anne E. George. New York: Stokes/ William Heinemann, 384 p. Disponível na rede mundial de computadores (Internet) no endereço eletrônico <<https://archive.org/details/montessorimethod00montuoft/page/158/mode/2up>>. Acesso em 2 Nov. 2022.

OTERO, Brenda (2016). Príncipe George aumenta a fama do método Montessori. Pedagogia italiana defende que crianças aprendam de modo natural, seguindo seus instintos. **El País**: Madrid/ Londres/ São Paulo, ed. 23 Ago. Disponível na rede mundial de computadores (Internet) no endereço eletrônico <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/05/internacional/1454691773_405553.amp.html>. Acesso em 10 Nov. 2022.

RÖHRS, Hermann (2010). **Maria Montessori**. Org. e trad. Danilo Di Manno de Almeida e Maria Leila Alves. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Mangabeira, 142 p.

SÁNCHEZ GAMBOA, Sílvio Ancizar (2007). **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 156 p.

VELASCO, Irene Hernández (2008). *A vida paradoxal de Maria Montessori, criadora do método de ensino para crianças pobres que virou modelo para ricos*. **BBC News Mundo**. Londres/ Madrid/ São Paulo, ed. 5 Set. Disponível na rede mundial de computadores (Internet) no endereço eletrônico <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53972711>>. Acesso em 23 Out. 2022.